

Apresentação

A Revista Espaço Livre apresenta aos leitores a sua vigésima quinta edição. Este número vem reforçar a posição deste periódico diante da história da sociedade de classes, sua crítica às relações de exploração, e ressaltar a necessidade da transformação social para a efetivação da emancipação humana. O objetivo da REL é contribuir com o processo de constituição de uma nova sociedade, de uma nova vida. Não é um processo simples, como bem sabemos ao verificar as experiências anteriores onde se constituíram os processos revolucionários. Contudo, não há aqui espaço para concepções que defendem a sua impossibilidade. Os dados históricos comprovam que uma nova sociedade não é constituída sem luta, e nesta, a luta cultural apresenta-se como uma necessidade. É neste caminho que a Espaço Livre caminha, inexoravelmente, rumo à autogestão social.

A luta cultural é expressão da luta de classes. Enquanto de um lado a burguesia explora a classe operária e ainda estabelece uma intensa luta cultural, no sentido de apresentar ao mundo que este mundo é o melhor que já foi criado até então, de outro a classe operária resiste, luta. Sua luta, no entanto, não objetiva a manutenção da exploração que sofre, mas sim, a sua supressão. O problema é que às classes exploradas sobram poucas brechas para manifestarem a sua concepção. E isso ocorre porque os meios de produção e distribuição da produção intelectual estão nas mãos da burguesia, portanto, a ela servem.

A burguesia conseguiu dominar o mundo na realidade. Em toda a história do capitalismo produziu e divulgou intensamente a sua forma de ver o mundo, não bastasse isso, criou mecanismos para formar indivíduos de acordo com a sua concepção. É daí que emergem as concepções conservadoras, doentias, limitadas e burguesas. A consequência disso é que dificilmente encontra-se no interior da sociedade alguém que manifeste a necessidade de uma outra sociedade, que expresse com clareza que as relações de exploração e a luta de classes são históricas e transitórias. Prevalece, portanto, concepções limitadas pela própria burguesia, que negam a contestação, a sublevação, e afirmam a conservação, a exploração.

Apesar de todo esforço burguês, que tem surtido efeitos devastadores na história da humanidade, a classe operária permanece viva. Aparentemente amorfa, incapaz de agir revolucionariamente, e vivendo conforme as normas estabelecidas. No entanto, há muita força e energia sendo gastas diariamente pela burguesia para manter este estado de coisa. É nesse sentido que trabalham incansavelmente os meios oligopolistas de comunicação ao lado dos produtores culturais. É nesse sentido que caminha a humanidade. Os indivíduos são

constrangidos cotidianamente a reproduzirem os valores e consciência burguesa. Apesar de tudo isso, a classe operária permanece viva.

A classe operária permanece viva nos locais onde se produz o que é necessário para manter a lastimável vida de todos. Resiste, luta, vive cada dia submetida à exploração, aos interesses burgueses. Carrega sobre suas costas o mundo doente, aos pedaços. Aos poucos, com uma lentidão que mais aparenta não estar caminhando para nenhum lugar, vai sendo educada para a resistência, para a luta revolucionária. Essa formação das classes exploradas nos locais de produção e distribuição de mercadorias, é permanente e apesar do controle, subsiste.

Ora ou outra a classe operária consegue avançar a passos largos, supera os valores e consciência burguesa e dá início a processos revolucionários que apontam para algo diferente, para uma nova sociedade. Até agora não obteve sucesso na constituição de seu projeto de sociedade, em decorrência da ação da burguesia e do estado. Contudo, está aí, numa situação deprimente e resistindo. A qualquer momento pode superar a ordem estabelecida e começar a desenvolver uma nova vida, que inicialmente será interpretada pelos auxiliares da burguesia como desordem. A espera desta hora causa ansiedade, muitos acabam desistindo e passando para o lado de lá. Desacreditam na possibilidade de um novo mundo e passam a viver acreditando em um mundo burguês melhor.

É por isso que a luta cultural revolucionária é necessária. É preciso continuar negando a sociedade burguesa e afirmando a necessidade da luta proletária. Não é um exercício fácil, uma vez que é necessário superar os próprios valores burgueses, inautênticos, e colocar em evidência os valores autênticos. A luta cultural revolucionária se manifesta de muitas maneiras, é uma necessidade que o combate à concepção burguesa percorra todas as instâncias onde esta se manifesta. Daí emergem o conjunto de interpretações sobre temáticas diversas, obviamente, interpretadas do ponto de vista da crítica.

No mundo burguês a crítica é necessária, mas a crítica que é reconhecida aqui é aquela que nega o mundo burguês e afirma a autogestão social. Em decorrência dos valores burgueses, ora a crítica é apresentada de forma mais rigorosa, aprofundada, ora de forma limitada. Ora, ainda, é dominada e desfigurada pela inautenticidade. Neste contexto, o exercício da luta cultura revolucionária deve prevalecer. A superação da atual sociedade pode ser adiantada com o avanço da consciência revolucionária. Aqui está a Espaço Livre, trazendo aos seus leitores, algumas das manifestações da crítica apontada anteriormente.

*Boa leitura!
Conselho Editorial.*